

## Nacionalismo no design anticolonial: experimentos para uma ciência de projeto autenticamente brasileira<sup>1</sup>

*Nacionalismo en el diseño anticolonial brasileño: experimentos para una ciencia del diseño auténticamente brasileña*

*Nationalism in anticolonial design: experiments towards an authentic Brazilian design science*

**Frederick M. C. van Amstel<sup>2</sup>**

### Resumo

Este artigo discute o papel do nacionalismo no design anticolonial a partir do pensamento de Álvaro Vieira Pinto. Considerando a condição histórica brasileira de subdesenvolvimento, produzida pela colonização e mantida por formas contemporâneas de dependência cultural, científica e tecnológica, o trabalho investiga como o conceito de nacionalismo autêntico construído a partir de Vieira Pinto pode contribuir para a construção de uma ciência de projeto brasileira. Metodologicamente, partiu-se da situação existencial do pesquisador trabalhando para estabelecer essa ciência em um contexto de alienação cultural tamanha que o estatuto de ciência chega a ser rejeitado pelos próprios cientistas. A partir da distinção entre um design nacionalista inautêntico exemplificado pela estética bolsonarista e um design nacionalista autêntico exemplificado pelos experimentos pedagógicos ligados à Rede Design & Opressão, este artigo aponta caminhos para a descolonização da ciência de projeto brasileira.

Palavras-Chave: Design anticolonial, nacionalismo, descolonização, design bolsonarista.

### Resumen

Este artículo discute el papel del nacionalismo en el diseño anticolonial a partir del pensamiento de Álvaro Vieira Pinto. Considerando la condición histórica brasileña de subdesarrollo, producida por la colonización y mantenida por formas contemporáneas de dependencia cultural, científica y tecnológica, el trabajo investiga cómo el concepto de nacionalismo auténtico construido a partir de Vieira Pinto puede contribuir a la construcción de una ciencia del proyecto brasileña. Metodológicamente, se partió de la situación existencial del investigador que trabaja para establecer dicha ciencia en un contexto de alienación cultural tan profundo que el estatuto de ciencia llega incluso a ser rechazado por los propios científicos. A partir de la distinción entre un diseño nacionalista inautêntico ejemplificado por la estética bolsonarista y un diseño nacionalista auténtico ejemplificado por los experimentos pedagógicos vinculados a la Red Diseño & Opresión, este artículo señala caminos para la descolonización de la ciencia del proyecto brasileña.

Palabras-clave: Diseño anticolonial, nacionalismo, descolonización, diseño bolsonarista.

### Abstract

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no V Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura (SEMLACult), na cidade de Foz do Iguaçu/PR, Brasil, em abril de 2026.

<sup>2</sup> Doutor em Design; UTFPR; Curitiba, PR, Brasil; [vanamstel@utfpr.edu.br](mailto:vanamstel@utfpr.edu.br).

This article discusses the role of nationalism in anticolonial design based on the thought of Álvaro Vieira Pinto. Considering Brazil's historical condition of underdevelopment—produced by colonization and maintained through contemporary forms of cultural, scientific, and technological dependence—the paper investigates how the concept of authentic nationalism derived from Vieira Pinto can contribute to the construction of a Brazilian science of design. Methodologically, the study starts from the existential situation of a researcher working to establish such a science in a context of cultural alienation so profound that the very status of design as a science is sometimes rejected by designers themselves. By distinguishing between an inauthentic nationalist design exemplified by Bolsonarist aesthetics and an authentic nationalist design exemplified by pedagogical experiments associated with the Design & Oppression Network, the article outlines possible paths for the decolonization of Brazilian design science.

Keywords: Anticolonial design, nationalism, decolonization, Bolsonarist design.

## 1. Introdução

Inspiradas por contribuições de estudos decoloniais, pós-coloniais e anticoloniais, diversas pesquisas têm questionado o papel histórico do design na reprodução de hierarquias globais de conhecimento, produção e consumo. O presente autor, junto com colaboradores da Rede Design & Opressão (D&O) tem contribuído para o diálogo entre as vertentes decoloniais e anticoloniais com o conceito de colonialidade do fazer, desenvolvido a partir da obra do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (VAN AMSTEL et al., 2025; VAN AMSTEL, 2023), um dos mestres de Paulo Freire. Esta rede é composta de pesquisadores e profissionais que buscam inspiração na práxis de Freire, bell hooks, Augusto Boal, outros e outras (SERPA et al., 2021; VAN AMSTEL et al., 2021). Apesar do diálogo com a via decolonial, a Rede D&O se alinha à vertente anticolonial, pois enfatiza práticas de fazer crítico além do dizer crítico, organização de usuários mais do que seu mero reconhecimento e antropofagia, ou apropriação cultural apreciativa (SAITO et al., 2024). A rede se coloca contra a empatia com o Outro sugerida pelo encontro decolonial, porém, a favor da solidariedade entre povos oprimidos nas lutas anticoloniais (SERPA e BATISTA, 2021). No campo da educação em design, a Rede destaca a importância de cultivar qualidades relacionais anticoloniais como a monstruosidade, que afirma diferenças mais do que identidades (MAZZAROTTO FILHO et al., 2023). A práxis da Rede D&O se preocupa, de maneira geral, em superar modelos hierárquicos baseados na autoridade do especialista em design e abrir espaço para modelos participativos e diversos, o que se alinha mais à práxis anticolonial de lutas revolucionárias democráticas pela libertação de nações e povos oprimidos.

Embora as pesquisas realizadas pela Rede D&O tenham contribuído significativamente para o desenvolvimento do debate sobre design anticolonial, um aspecto permanece relativamente pouco explorado: o papel do nacionalismo. O nacionalismo é frequentemente tratado como categoria problemática, associada a projetos racistas, autoritários, identitarismos excludentes ou essencialismos culturais nas vertentes decoloniais e pós-coloniais (FERREIRA, 2014). Entretanto, na tradição do pensamento anticolonial pan-africano (FANON, 1979) e latino-americano (MARIÁTEGUI, 2010), a afirmação da consciência nacional desempenhou historicamente um papel distinto, sendo compreendida como parte do processo de emancipação política, econômica e cultural de sociedades submetidas à colonização e à dependência estrutural.

Essa perspectiva encontra uma formulação particularmente relevante na obra do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987). Em seus trabalhos sobre ciência, tecnologia e desenvolvimento, o autor incluiu a questão do nacionalismo e da nacionalidade, argumentando que a consciência nacional pode assumir tanto formas libertadoras quanto formas alienadas de produzir um mundo. A partir dessa perspectiva, este artigo investiga como o conceito de nacionalismo autêntico elaborado a partir deste autor pode contribuir para o desenvolvimento de práticas de design anticolonial brasileiro. Metodologicamente, o trabalho parte da proposta do filósofo de incluir a situação de quem pesquisa no próprio problema de investigação (VIEIRA PINTO, 1960b). Sendo assim, a participação do autor deste artigo na construção de uma ciência de projeto brasileira será o foco deste artigo.

O artigo está organizado em três movimentos principais. Primeiro, discute a distinção entre nacionalismo autêntico e inautêntico na obra de Vieira Pinto e suas implicações para a produção científica em sociedades subdesenvolvidas. Em seguida, examina como essas categorias podem contribuir para compreender o design como uma forma de ciência do projeto, responsável pela produção de mediações que estruturam a vida social. Por fim, apresenta análises realizadas pela Rede Design & Opressão sobre nacionalismo inautêntico no design bolsonarista, bem como experimentos pedagógicos de design anticolonial. Ao articular reflexão teórica e experimentação prática, o artigo busca contribuir para o debate sobre design e colonialidade do fazer a partir de uma perspectiva inspirada na tradição anticolonial latino-americana.

## 2. Nacionalismo autêntico e inautêntico

O pensamento de Álvaro Vieira Pinto sobre o nacionalismo deve ser compreendido à luz de sua trajetória intelectual e das transformações históricas que marcaram o Brasil e a América Latina na década de 1950. Nesta época, Vieira Pinto ocupou cargos de liderança no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão ligado ao Ministério da Educação que reunia intelectuais empenhados em elaborar uma ideologia do desenvolvimento nacional. O problema central do ISEB na perspectiva de Vieira Pinto (1960a) era a superação do subdesenvolvimento brasileiro. O filósofo argumentava que a contradição fundamental das sociedades periféricas não se encontrava apenas na luta de classes interna, mas na relação estrutural de dependência entre metrópole e ex-colônia (VIEIRA PINTO, 1960b). Por essa razão, a tarefa histórica imediata não seria uma transição direta ao socialismo, mas a construção de um processo de desenvolvimento nacional capaz de romper com a dependência econômica e cultural. Sua reflexão sobre o nacionalismo estava, portanto, ligada ao debate desenvolvimentista e à ideia de uma revolução nacional de base popular não necessariamente socialista (BARCAT & LEPINSKI, 2023). O socialismo só poderia ser alcançado depois de alcançar um capitalismo mais desenvolvido, posição defendida também pela ala majoritária do Partido Comunista Brasileiro (PCB) da época.

Com a derrota da revolução capitalista de base popular ensaiada por João Goulart e o estabelecimento de uma ditadura cívico-militar ultra-capitalista em 1964, Vieira Pinto deixa de lado a hipótese revolucionária etapista do PCB, mas não perde de vista o nacionalismo. Ao contrário das interpretações ingênuas do nacionalismo como ideologia essencialmente conservadora ou ufanista, em *Consciência e Realidade Nacional* (1960bc) — publicada antes do golpe militar — Vieira Pinto propõe uma distinção fundamental entre formas autênticas e inautênticas de consciência da realidade nacional. O nacionalismo autêntico é aquele que mobiliza a sociedade para enfrentar suas contradições primárias e construir um projeto de destino para a nação. Esse projeto não possui um conteúdo pré-definido, nem tampouco uma ideologia de desenvolvimento nacional fechada ou mesmo uma identidade cultural específica, pois o projeto que se faz necessário é justamente um projeto inacabado e aberto para o fazer ser da nação, conforme expõe o autor:

Longe de depor contra o nacionalismo como comportamento autêntico da atual consciência nacional, estas observações demonstram que lhe cabe de pleno direito o selo de autenticidade. Se a nova consciência do país está em formação neste momento não poderia exprimir-se numa ideologia completamente constituída, que em tal caso seria necessariamente abstrata. O nacionalismo dos nossos dias tem de ser tão incompleto no seu esquema teórico quanto a consciência a que corresponde, ou seja, a consciência nascente. Se fosse uma teoria pronta e acabada, isso demonstraria que teria sido elaborado por uma consciência também completa e acabada, a qual só pode ser, conforme bem exprime a palavra “acabada”, a que acabou, isto é, a que entrou em declínio histórico (VIEIRA PINTO, 1960b, p. 344).

Em contraste o nacionalismo autêntico, Vieira Pinto descreve um tipo de nacionalismo fechado que reproduz, ainda que sob aparência patriótica, os interesses das estruturas de dominação. Por não ser coerente com a base material da nação, seu povo e seus interesses, podemos chamar esse nacionalismo de inautêntico. Discursos culturalistas que celebram a singularidade nacional sem questionar a dependência econômica, até projetos políticos que subordinam o desenvolvimento do país a interesses externos enquanto proclamam defender a nação são formas de nacionalismo inautêntico. O nacionalismo inautêntico opera frequentemente como uma ideologia de legitimação, mobilizando símbolos nacionais para ocultar relações de subordinação econômica ou tecnológica em nome de uma identidade abstrata.

O critério decisivo que distingue essas duas formas de nacionalismo é a relação entre consciência e prática histórica. O nacionalismo autêntico está necessariamente ligado à transformação das condições de existência que produzem a dependência, enquanto o nacionalismo inautêntico se limita a uma retórica identitária desvinculada de processos reais de emancipação social. Nesse sentido, o nacionalismo autêntico deve ser compreendido menos como uma doutrina política e mais como um processo de conscientização coletiva, no qual a sociedade passa a reconhecer sua própria realidade histórica e a agir sobre ela.

Essa formulação aproxima o pensamento de Vieira Pinto da práxis anticolonial pan-africana (FANON, 1979), que compreende a construção da consciência nacional como parte integrante das lutas pela emancipação dos povos submetidos à dominação colonial ou neocolonial. No entanto, sua contribuição apresenta uma particularidade importante: ao enfatizar a relação entre consciência nacional e produção de conhecimento, o autor desloca o debate sobre o nacionalismo para o campo da ciência, da técnica e da cultura, temas que ele irá trabalhar em obras posteriores a *Consciência e Realidade Nacional*.

### 3. Ciência nacionalista na condição de subdesenvolvimento

Três obras costumam ser consideradas momentos centrais de maturação de seu pensamento: o já mencionado *Consciência e Realidade Nacional* (1960c), *Ciência e Existência* (1969) e *O Conceito de Tecnologia* (escrito em 1973 e publicado postumamente em 2005). Cada uma delas corresponde a um contexto político e intelectual específico, no qual o tema do nacionalismo adquire significados distintos.

Conforme mencionado, o golpe civil-militar de 1964 transformou profundamente o horizonte político vislumbrado por Vieira Pinto. O ISEB foi dissolvido, seus arquivos destruídos e vários de seus integrantes perseguidos. Vieira Pinto partiu para o exílio na Iugoslávia, estabelecendo-se posteriormente no Chile. Esse período marcou uma inflexão importante em seu pensamento. Em diálogo com Paulo Freire e com debates latino-americanos sobre dependência e libertação, ele percebe que a superação do capitalismo é necessária para a libertação da nação colonizada. Essa mudança aparece de forma mais clara em *Ciência e Existência* (1979). Nessa obra, o nacionalismo passa a incluir a capacidade de produzir e socializar conhecimento científico enraizado na realidade histórica e social do próprio país. Para Vieira Pinto,

A ciência só cria as condições do próprio desenvolvimento se ajuda a criar as condições de desenvolvimento das demais formas de trabalho nacional, especialmente as que transformam a face da realidade (VIEIRA PINTO, 1979, p. 336).

A necessidade de um tipo de conhecimento específico, a tecnologia, leva Vieira Pinto a escrever, em seguida, *O Conceito de Tecnologia* (2005). Em vez de ecoar a crítica de Heidegger (2007) à técnica e engrossar a especulação sobre um impossível capitalismo sustentável, Vieira Pinto desenvolve uma crítica original que considera o subdesenvolvimento como um efeito necessário e estrutural para a manutenção do capitalismo. A técnica negada pelo subdesenvolvimento, nesse contexto, em vez de ser uma ameaça, é condição mesma para a sua superação. Por exemplo, desenvolver técnicas que aproveitem melhor o trabalho e os recursos naturais, evitando assim sua destruição.

Em todas as três obras, Vieira Pinto se esforça em redefinir o que se entende por ciência, posicionando-a entre consciência e trabalho. A ciência não constitui um domínio separado da vida social nem um conjunto de procedimentos neutros produzidos por uma comunidade abstrata de especialistas. Ciência é um tipo de autoconsciência sobre o trabalho de

transformação do mundo, compartilhado entre seres humanos que formam uma determinada comunidade (VIEIRA PINTO, 1979). Desse modo, a ciência não pode ser considerada monopólio de determinadas classes sociais, profissões, tradições culturais ou instituições acadêmicas, pois cada sociedade desenvolve, a partir de suas próprias formas de trabalho, modos específicos de produzir conhecimento científico.

Embora a ciência seja um fenômeno universal da humanidade, ela foi nos últimos séculos utilizada como um conhecimento a ser possuído e dirigido apenas por uma parcela da sociedade, um privilégio da classe dominante. De fato, a história da colonização demonstra que a deslegitimação de saberes locais frequentemente serviu como justificativa para a dominação política, econômica e cultural de povos indígenas e imigrantes forçados. Ao desconsiderar os conhecimentos produzidos por essas populações, legitima-se simultaneamente a exploração de seu trabalho. Um exemplo é a apropriação de conhecimentos indígenas e quilombolas por pesquisadores externos, que os traduzem para os códigos da ciência institucionalizada e passam a reivindicar autoria ou legitimidade científica sobre eles.

Sob essa perspectiva, a ciência produzida em sociedades subdesenvolvidas enfrenta uma contradição específica. Por um lado, ela participa de um sistema internacional de produção de conhecimento estruturado por centros hegemônicos de poder científico. Por outro, sua legitimidade histórica depende da capacidade de interpretar e transformar a realidade nacional, situação que lhe confere grande poder de libertação.

## **2. Design como ciência de projeto**

Vieira Pinto não escreveu diretamente sobre o papel do design na superação do subdesenvolvimento, porém, considerou seriamente a importância do projeto para a transformação da realidade nacional. Projeto para Vieira Pinto (2005), é uma mediação entre conhecimento e ação, articulando reflexão teórica e intervenção prática. Se a ciência representa a produção de consciência a partir de qualquer trabalho, o design poderia então ser entendido então como uma *ciência do projeto*, ou a autoconsciência máxima possível da capacidade de um determinado grupo social de antecipar a transformação de sua realidade nacional.

O limite dessa autoconsciência corresponde, em larga medida, às condições econômicas desse trabalho. No capitalismo, a ciência do projeto serve, primariamente, para organizar a divisão

social do trabalho. Historicamente, essa ciência esteve associada à intensificação da produção industrial e à separação entre diferentes funções no processo produtivo. Ela ajudou a consolidar uma distinção entre aqueles responsáveis pela concepção dos artefatos — frequentemente identificados como trabalhadores intelectuais, os designers — e aqueles encarregados de sua execução material — os trabalhadores manuais, os produtores. Essa separação se reproduz, mais uma vez, na relação entre quem projeta e quem utiliza os artefatos projetados. Designers são os projetistas reconhecidos como detentores legítimos do conhecimento técnico e criativo, enquanto aqueles que utilizam os artefatos, os usuários, são posicionados como meros operadores de soluções previamente definidas. Essa divisão de trabalho ampliada é legitimada por uma ideologia conhecida como *usuarismo* (GONZATTO & VAN AMSTEL, 2022), que justifica a opressão com base numa falta de conhecimento, habilidade, interesse, ou capacidade dos usuários de se desenvolverem de maneira autônoma. Quando se tratam de tecnologias que cruzam fronteiras internacionais, essa condição opressiva de ser usuário — e somente usuário — se estende de indivíduos para nações inteiras, passando pelas suas organizações fundamentais, tais como as empresas estatais e privadas que usam essas tecnologias importadas.

Acostumados a serem usuários de tecnologias importadas, pesquisadoras e pesquisadores que estudam o projeto no Brasil eventualmente reverberam a crítica estrangeira ao design como ciência, posicionando suas contribuições como uma mera disciplina independente da ciência, arte e humanidades (ARCHER, 1979). Negam, desta forma, a possibilidade de criar, testar e validar teorias e métodos de projeto, restringindo-se meramente ao uso de teorias e métodos de projeto estrangeiros, isso quando não negam qualquer teoria e método e embarcam no irracionalismo. Se nos países que rejeitam a ideia de ciência de projeto as escolas de design tenham evoluído a partir do modelo das Escolas de Belas Artes independentes, na presente realidade nacional, a maior parte das escolas de design brasileiras estão vinculadas a universidades e submetida à sua organização institucional por tipos de ciências. Recusar-se a ver-se como ciência não parece produtivo para o design na realidade nacional brasileira contemporânea.

## 5. Incluir a situação de quem pesquisa no problema de pesquisa

O problema desta pesquisa é o nacionalismo inautêntico que permeia a ciência de projeto brasileira, tão alienante que, comparada a ciências de projeto estrangeiras, a brasileira nem se reconhece como tal. Essa pesquisa foi conduzida em um momento histórico de ataque político à ciência brasileira perpetrado por um nacionalismo inautêntico que chegou a deixar 700.000 brasileiros e brasileiras ao sabor do negacionismo científico durante a Pandemia COVID-19. Mesmo após o fim do governo Bolsonaro (2019-2022), esse nacionalismo continuou conseguindo aprovar e influenciar cortes no financiamento e distribuição de recursos para a ciência nacional.

Para investigar esse problema segundo a perspectiva de Vieira Pinto, é preciso incluir a situação existencial de quem pesquisa no problema de pesquisa.

A “situação” tem de entender-se aqui em sentido dialético, isto é, enquanto totalidade da realidade num momento histórico definido, envolvendo tanto um aspecto do mundo objetivo, que se revela origem de um obstáculo existencial, por isso conduzindo ao projeto humano de suprimi-lo ou saltá-lo, quanto a inclusão do próprio observador em tal mundo, pelas condições de caráter social que afetam a vida da comunidade, de que ele, como cientista, se sente chamado a ocupar-se. (VIEIRA PINTO, 1979, p. 481)

Incluir a situação de quem pesquisa no problema de pesquisa significa reconhecer que o pesquisador faz parte da realidade que procura compreender. Na ciência alvariana, a investigação científica não é realizada a partir de um ponto de vista exterior, mas de dentro de uma determinada formação social. O pesquisador pertence a uma sociedade específica, participa de suas instituições, compartilha de suas contradições e é afetado pelas mesmas condições históricas que constituem o objeto de sua investigação. Justamente, uma das características da dependência científica combatida por Vieira Pinto (1979) é a tendência de pesquisadores localizados em ex-colônias a acolherem problemas formulados em contextos históricos distintos dos seus. Nesses casos, a atividade científica passa a reproduzir agendas de investigação que respondem às necessidades das metrópoles, enquanto os problemas concretos da sociedade local permanecem marginalizados. A alienação científica não decorre apenas da importação de teorias estrangeiras, mas também da incapacidade de reconhecer a própria situação histórica como fonte legítima de problemas de investigação.

Para Vieira Pinto, o cientista situado em uma sociedade subdesenvolvida precisa incorporar a realidade nacional na sua investigação. Ao reconhecer a inserção histórica do sujeito que conhece, a investigação científica torna-se, então, capaz de produzir uma compreensão mais profunda da realidade social e de orientar processos de transformação coletiva, inclusive e principalmente através de projetos, daí a importância premente de uma ciência de projetos.

## **6. Nacionalismo inautêntico e design bolsonarista**

O presente autor reconhece que faz parte deste problema e, portanto, se expressa, a partir deste ponto, em primeira pessoa. Como pesquisador e educador na área de design, tenho contribuído para uma ciência de projeto brasileira autônoma há pelo menos 20 anos. Entretanto, minha tese de doutorado defendida na Holanda foi fortemente baseada em autores europeus, não necessariamente eurocêntricos (VAN AMSTEL, 2023; VAN AMSTEL, 2015). Desde que retornei ao Brasil, minha pesquisa tem buscado compreender como o design participa de processos de opressão e libertação. Esse interesse surgiu sobretudo durante o período de intensa polarização política iniciado no final da década de 2010, quando artefatos gráficos, memes e composições visuais passaram a desempenhar papel central na circulação de mensagens políticas nas redes sociais. Diferentemente de meios de comunicação de massa, as redes organizam a circulação de conteúdos por meio de redes de grupos e contatos relativamente fechados, seja por escolha dos próprios usuários ou por algoritmos de personalização de conteúdos. Nesse ambiente fechado, imagens e composições gráficas tornam-se instrumentos privilegiados de mobilização política, pois seu campo de sentido possível é reduzido pelo escopo do grupo, permitindo assim a redução da sua ambiguidade nata.

A Rede Design & Opressão, fundada em 2020 como resposta à catástrofe da pandemia COVID-19 e ao recrudescimento da ciência do projeto (VAN AMSTEL et al., 2021), realizou, como parte de seu grupo de estudos, uma oficina de análise de designs associados ao movimento político liderado por Jair Bolsonaro. O *corpus* analisado incluía roupas, produtos, memes, montagens gráficas, ilustrações digitais e outras composições que articulam símbolos nacionais, slogans políticos e referências culturais amplamente reconhecíveis (Figura 1).



Figura 1 – Fragmento de análise colaborativa de designs bolsonaristas realizadas em aplicativo de quadro branco.

Fonte: Arquivos da Rede Design & Opressão (2021).

Em todos os casos analisados, o suposto design patriota não passava de uma camada superficial — um verniz — aplicado a um objeto de design projetado e/ou produzido em outro país. Por exemplo, o ex-Presidente — e atualmente presidiário condenado por tentativa de golpe contra a democracia em 2022 — aparece em uma das imagens sorrindo ao lado de uma Poltrona Egg que, embora esteja revestida em verde e amarelo nesta versão, foi originalmente projetada por Arne Jacobsen em 1958 para um hotel dinamarquês. Esse tipo de operação revela como símbolos nacionais podem ser incorporados a artefatos projetuais sem que haja necessariamente um questionamento das referências culturais e formais que estruturam sua concepção, muito menos às estruturas de dependência econômica que favoreceram a importação e/ou reprodução de tais objetos. A partir dessas análises, o design bolsonarista passou a ser tratado pela Rede Design & Opressão como um objeto de investigação relevante para compreender a dimensão estética da crise política pelo qual o Brasil passava naquele momento.

## 7. Um experimento de Design Anticolonial na disciplina Projetos para Pessoas

A Rede Design & Opressão também congrega experimentos em design anticolonial realizados em diversas instituições, incluindo a instituição a que faço parte, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Dentre os vários experimentos realizados nessa instituição, destacam-se aqueles realizados na disciplina optativa Projetos para Pessoas: Laboratório de Design e Inovação Social oferecida pelo Departamento Acadêmico de Desenho Industrial (DADIN). Essa disciplina foi concebida como um espaço de investigação coletiva no qual estudantes pudessem refletir criticamente sobre o papel do design nas disputas sociais contemporâneas e explorar práticas projetuais orientadas por perspectivas anticoloniais.

Entre os participantes da turma de 2019, haviam estudantes com posições políticas divergentes, incluindo tanto apoiadores quanto críticos do governo Jair Bolsonaro recentemente eleito. Essa diversidade de perspectivas inicialmente gerou incerteza sobre a possibilidade de construção de um trabalho coletivo. Em vez de evitar o conflito, a disciplina procurou tratar essa divergência como oportunidade pedagógica. Inspirados pela abordagem democrática agonista do design participativo, os estudantes foram convidados a elaborar um manifesto que refletisse essa pluralidade de posições (ANGELON & VAN AMSTEL, 2021). O termo dissenso tornou-se central para o processo, indicando que a construção de um projeto coletivo não exige necessariamente a eliminação das diferenças. Pelo contrário, a existência de posições divergentes poderia constituir uma condição produtiva para a elaboração de práticas democráticas.

O manifesto foi produzido por aproximadamente vinte estudantes que trabalharam simultaneamente na construção do texto e da composição visual. Decisões relativas à tipografia, cores, imagens e organização gráfica foram tomadas de forma coletiva, sem a presença de uma liderança central responsável por definir o resultado final. O meu papel, como educador, se limitou a estimular a participação, facilitar e complicar o diálogo e a feitura do manifesto.

Do ponto de vista estético, o manifesto também buscou romper deliberadamente com convenções estabelecidas do design gráfico. A composição visual adotou estruturas irregulares, contrastes intensos e sobreposições de elementos gráficos que desafiavam os princípios formais frequentemente associados à ideia de “bom design”. Essa escolha não foi apenas estética, mas

também política. A irregularidade visual procurava expressar a experiência de instabilidade e conflito que caracterizava o contexto político brasileiro naquele período. Uma das estudantes que participou da elaboração do manifesto, em uma reflexão posterior, identificou a monstrosidade como uma característica marcante dessa estética (ANGELON & VAN AMSTEL, 2021).



Figura 2 – Manifesto Design Dissenso.

Fonte: arquivos do autor.

Para os demais estudantes, esse exercício representou uma experiência de libertação em relação às práticas aprendidas em sua formação. Ao perceber que era possível produzir projetos significativos fora dos parâmetros tradicionais do design profissional colonizado, os participantes passaram a questionar os critérios que definem o que é considerado um projeto válido no campo do design. As discussões desenvolvidas na disciplina também levaram os estudantes a examinar criticamente a presença de referências estrangeiras na formação em design. Em várias atividades, os participantes foram incentivados a observar quantas vezes

exemplos internacionais apareciam em aulas e apresentações em comparação com referências brasileiras. Essa reflexão evidenciou como a produção local frequentemente ocupa posição marginal no repertório mobilizado no ensino de design. A partir dessas constatações, os estudantes passaram a explorar estratégias projetuais voltadas à valorização de referências culturais situadas no contexto brasileiro.

## **8. Um experimento de Design Anticolonial no Laboratório de Design contra Opressões**

Os experimentos realizados em Projetos para Pessoas, somados a experimentos realizados por outros docentes e discentes da instituição, culminaram na fundação do Laboratório Design contra Opressões (LADO) em 2021, como uma unidade local da Rede Design & Opressão (BIZOTTO DOS SANTOS, et al., 2024). O funcionamento do laboratório baseia-se em encontros semanais abertos à participação de estudantes de diferentes cursos e níveis de formação. Essas reuniões, denominadas *bate-bumbo*, combinam momentos de debate teórico com atividades práticas de experimentação projetual. Nesses encontros, as pessoas participantes discutem temas relacionados a diferentes formas de opressão social — como colonialismo, racismo e patriarcado — e investigam como essas estruturas se manifestam nas práticas de design e na organização das tecnologias contemporâneas. A partir dessas discussões, o laboratório desenvolve projetos coletivos que procuram explorar alternativas projetuais orientadas pela valorização de experiências situadas e pela participação dos sujeitos envolvidos.

Um exemplo significativo dessas atividades foi o projeto Cadeiras Brasileiras (descrito em BIZOTTO DOS SANTOS, et al., 2024), desenvolvido a partir de uma oficina de re-estofamento realizada no próprio espaço do laboratório. A proposta consistiu em intervir nas cadeiras utilizadas na sala de trabalho coletivo, transformando-as por meio de processos de reconfiguração com os materiais que estavam à mão no laboratório. O objetivo não era apenas renovar os objetos existentes, mas utilizar o próprio processo de intervenção como oportunidade para discutir os significados culturais e políticos associados ao design de mobiliário.

Durante a oficina, os participantes refletiram sobre questões como identidade cultural, padrões estéticos heteronormativos e design do oprimido. Embora tenham se limitado a cobrir o estofamento existente devido à limitação de equipamentos apropriados, o grupo explorou diferentes formas de expressão estética que refletissem a diversidade cultural presente entre os

participantes, indo muito além da estética superficial do nacionalismo inautêntico bolsonarista. As cadeiras resultantes apresentaram variações significativas de formas, cores e materiais, porém, todos foram marcados pelas gambiarras que viabilizaram o processo de produção (Figura 3).

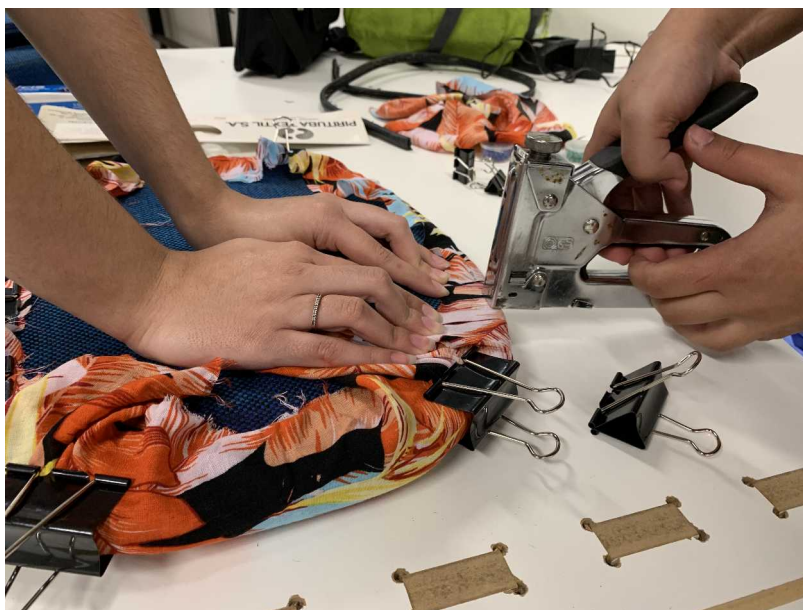


Figura 3 – Gambiarra para re-estofamento desenvolvida no projeto Cadeiras Brasileiras a partir da combinação de prendedores de papel e um grampeador industrial.

Fonte: arquivo do autor.

Em vez de partir de modelos, abordagens e ferramentas consagradas pelo design internacional, os participantes foram incentivados a explorar soluções materiais e estéticas emergentes de suas próprias experiências culturais. Esse projeto demonstrou como é possível sim um design brasileiro, ainda que calcado na diferença mais do que na identidade nacional.

## 9. Conclusões

Este artigo partiu da proposta de incorporar a situação de quem pesquisa no próprio problema de pesquisa, conforme sugerido pela filosofia da ciência de Álvaro Vieira Pinto. O problema mantido (ainda que ingenuamente) e combatido (criticamente) pelo pesquisador nesta pesquisa é o nacionalismo inautêntico que permeia a ciência de projeto brasileira. Nesse contexto, o conceito de nacionalismo autêntico elaborado por Vieira Pinto oferece uma perspectiva política para pensar a ciência de projeto a partir de processos históricos de conscientização coletiva

sobre as condições materiais de dependência e sobre as possibilidades de transformação dessa realidade.

Ao analisar manifestações contemporâneas de nacionalismo no design e ao examinar práticas pedagógicas experimentais desenvolvidas no âmbito da Rede Design & Opressão, esta pesquisa buscou demonstrar que o problema do nacionalismo no design não pode ser reduzido à presença ou ausência de símbolos nacionais. O nacionalismo inautêntico manifesta-se principalmente quando o design reproduz padrões culturais e tecnológicos externos enquanto mobiliza signos identitários superficiais para produzir uma aparência de pertencimento nacional. Nesse sentido, a crítica ao design bolsonarista apresentada neste trabalho não se limita à esfera política conjuntural, mas aponta para um problema estrutural da ciência de projeto brasileira: sua inserção em um sistema internacional de produção de conhecimento que frequentemente reforça a dependência cultural e tecnológica e desmerece a própria necessidade de uma ciência de projeto. Sendo assim, uma pesquisa ou experimento pedagógico, mesmo que não faça menção direta ao bolsonarismo, pode ser considerada inautêntica por atentar contra a ciência de projeto brasileira e os interesses populares da sociedade onde está inserida.

A principal contribuição desta pesquisa para o campo do design anticolonial foi destacar a categoria da nacionalidade não como um marcador de identidade, mas como uma qualidade relacional marcada pela diferença entre pessoas e coisas mediadas pela nação. Em vez de evitar o nacionalismo e todas as suas implicações com relações históricas de classe, raça e gênero, o design anticolonial trata o nacionalismo autêntico como um processo tão ideológico quanto material. O design anticolonial, portanto, não se define por um estilo formal ou por um repertório estético em apelo ou contrapelo a estereótipos projetuais ligados à democracia racial, heretossesexualidade compulsória e apropriação de visualidades indígenas. O design anticolonial se define pela participação popular em processos coletivos de conscientização e transformação da realidade nacional.

Nos experimentos descritos acima, o design anticolonial emerge como um processo coletivo de investigação e produção material, no qual estudantes e pesquisadores buscaram questionar tanto a hierarquia entre designers e usuários quanto a centralidade de referências estrangeiras na formação projetual. Em vez de reproduzir modelos consolidados do design metropolitano, os participantes exploraram formas de criação baseadas na gambiarra, participação e dissenso. Ao

revelar como a ciência imperialista do projeto reduz indivíduos e nações à condição de usuários passivos de tecnologias, o design anticolonial busca superar tanto a dependência internacional de tecnologias estrangeiras quanto a exclusão cotidiana das pessoas dos processos de concepção técnica.

Novos experimentos precisam se realizados para dar corpo a esse nacionalismo autêntico no design, bem como analisar melhor a categoria nacionalidade identificada por Vieira Pinto na realidade nacional brasileira como uma qualidade relacional. Conforme a prospecção realizada por esta pesquisa, a superação da colonialidade do fazer no design brasileiro (e quiçá latino-americano) depende da consolidação de uma ciência de projetos capaz de interpretar criticamente as condições históricas, sociais e tecnológicas nas quais cada país produz seus artefatos e sistemas sociotécnicos. Inspirada na filosofia da ciência de Álvaro Vieira Pinto, essa ciência não deve ser compreendida como mera adaptação local de teorias e métodos desenvolvidos em centros hegemônicos de produção de conhecimento, mas como um processo de autoconsciência coletiva sobre as formas de trabalho, técnica e cultura que constituem a realidade nacional. A libertação da colonialidade do fazer não consiste apenas em substituir referências estrangeiras por símbolos nacionais, mas em construir processos coletivos de produção de conhecimento e de projeto que fortaleçam a autonomia sociotécnica da sociedade brasileira e, mais amplamente, da comunidade de nações latino-americana que compartilham a condição histórica e existencial de imperialismo Yankee, subdesenvolvimento capitalista e colonização europeia.

### Referências

ANGELON, R. ; VAN AMSTEL, Frederick M.C. . Monster aesthetics as an expression of decolonizing the design body. *Art, Design & Communication in Higher Education*, v. 20, p. 83-102, 2021. [http://dx.doi.org/10.1386/adch\\_00031\\_1](http://dx.doi.org/10.1386/adch_00031_1)

ARCHER, Bruce. Design as a discipline. *Design Studies*, v. 1, n. 1, p. 17-20, 1979. [https://doi.org/10.1016/0142-694X\(79\)90023-1](https://doi.org/10.1016/0142-694X(79)90023-1)

BARCAT, Iuri Michelin; LEPINSKI, Willian. Os movimentos populares como fundamento da análise da Consciência e realidade nacional em Álvaro Vieira Pinto. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 19, n. 57, p. 400-405, 2023. <http://dx.doi.org/10.3895/rts.v19n57.15862>

BIZOTTO DOS SANTOS, William; MAZZAROTTO, Marco; CONSTANT VAN AMSTEL, Frederick Marinus. Tomando um LADO: formação crítica e prática extensionista no Laboratório de Design contra Opressões. *Arcos: Design, Cultura e Visualidade*, v. 17, n. 1, 2024. <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.78425>

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. *Sociedade e Estado*, v. 29, p. 255-288, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000100013>

GONZATTO, Rodrigo Freese; VAN AMSTEL, Frederick MC. User oppression in human-computer interaction: a dialectical-existential perspective. *Aslib Journal of Information Management*, v. 74, n. 5, p. 758-781, 2022. <https://doi.org/10.1108/AJIM-08-2021-0233>

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade latino-americana*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MAZZAROTTO FILHO, M. A.; VAN AMSTEL, F. M. C.; SERPA, B. O.; SILVA, S. B. Prospectando qualidades relacionais anticoloniais na Educação em Design. *VIRUS Journal*, 1(26), 2023, p. 136-145. <https://revistas.usp.br/virus/article/view/228457>

SAITO, C.; GONZATTO, R.; VAN AMSTEL, F.. Anticolonial prospects for overcoming the coloniality of making in design. In: *DRS2024: Boston, 2024*, Boston, 2024. <https://doi.org/10.21606/drs.2024.255>

SERPA, Bibiana O.; AMSTEL, Frederick M. C. van; MAZZAROTTO, Marco; CARVALHO, Ricardo Artur P.; GONZATTO, Rodrigo Freese; BATISTA, Sâmia. Design como prática de liberdade: a rede Design & Opressão como um espaço de reflexão crítica. In: CRUZ, Cristiano C.; KLEBA, John B.; ALVEAR, Celso A. S.. (Org.). *Engenharias e outras práticas técnicas engajadas. Volume 2 – Iniciativas de formação profissional*. 1ed. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2021, v. 2, p. 433-468. ISBN: 9788578796334. <http://eduepb.uepb.edu.br/download/engenharia-e-outras-praticas-tecnicas-engajadas-vol-2/?wpdmdl=1836&masterkey=618ed68a15375>

SERPA, Bibiana; Batista, Sâmia. Empatia x Solidariedade: proposta para a construção de práticas anticoloniais em Design. In: II Colóquio de Pesquisa e Design De(s)colonizando o Design, 2021, Fortaleza. II COLÓQUIO DE PESQUISA E DESIGN DE(S)COLONIZANDO O DESIGN - E-BOOK DE RESUMOS EXPANDIDOS. Fortaleza: Editora Nadifúndio, 2021. p. 199-206. [https://www.academia.edu/50412302/Empatia\\_x\\_Solidariedade\\_proposta\\_para\\_a\\_construc\\_a\\_o\\_de\\_p\\_r\\_a\\_t\\_i\\_c\\_a\\_s\\_anticoloniais\\_em\\_design](https://www.academia.edu/50412302/Empatia_x_Solidariedade_proposta_para_a_construc_a_o_de_p_r_a_t_i_c_a_s_anticoloniais_em_design)

VAN AMSTEL, Frederick Marinus Constant. *Expansive design: designing with contradictions*. Tese de Doutorado. Universidade de Twente, 2015. <https://doi.org/10.3990/1.9789462331846>

VAN AMSTEL, Frederick M. C.; BATISTA, Sâmia; SERPA, Bibiana O.; MAZZAROTTO, Marco; CARVALHO, Ricardo Artur P.; GONZATTO, Rodrigo Freese. Insurgent Design Coalitions: The history of the Design & Oppression network. In: *Proceedings of the II PIVOT 2021 Virtual Conference*. London, UK: Design Research Society (DRS), 2021. p. 167-182. ISSN/ISBN: 9781912294435. <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0018>

VAN AMSTEL, Frederick M. C.; GONZATTO, Rodrigo F.; SAITO, Carmem. In: SECOMANDI, F.; VERBEEK, P. (Eds). *Coloniality of making in design philosophy. Design Philosophy after the Technology Turn*. Londres, Bloomsbury Visual Arts, 2025, p. 41-60. <http://dx.doi.org/10.5040/9781350494480.ch-3>

VAN AMSTEL, Frederick M. C. Decolonizing design research. In: YEE, J; RODGERS, P. (Eds). *The Routledge companion to design research*. Routledge, 2023. p. 64-74. <https://www.doi.org/10.4324/9781003182443-7>

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ideologia e desenvolvimento nacional*. Ministério da Educação e Cultura, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional. Volume I: A consciência ingênua*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, [1960b] 2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional. Volume II: A consciência crítica*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, [1960c] 2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Editora Contraponto, [1979] 2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *O conceito de tecnologia: Volume I*. Editora Contraponto, 2005.